

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE PESQUISAS ACADÊMICAS E ESCOLA

Bianca Salazar Guizzo

Resumo: O presente artigo tem como principal propósito discutir, a partir de pesquisas realizadas a nível de mestrado, maneiras possíveis de discutir questões que articulam corpo, gênero e sexualidade em ambientes escolares. Para tanto, tomando como referência teórica os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero pós-estruturalistas, o artigo estrutura-se da seguinte forma: 1) são discutidos os modos como são entendidos os conceitos de gênero e de sexualidade; 2) são apresentadas e discutidas três pesquisas acadêmicas que propuseram a problematização das temáticas corpo, gênero e sexualidade em escolas; 3) traçam-se algumas considerações sobre a relevância da escola como espaço potente para abordar e problematizar questões relacionadas a corpo, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: corpo; gênero; sexualidade; escola.

Body, gender and sexuality: possible links between academic research and school

Abstract: This article's main purpose is to examine possible ways to debate issues that articulate body, gender, and sexuality in school settings, based on research conducted at Masters level. In order to achieve its goal and taking as a theoretical reference the Cultural Studies and Post-structuralist Gender Studies, the article is structured as follows: 1) examination of the ways which the concepts of gender and sexuality are understood; 2) presentation and analysis of three research papers that encompass the problematization of the body, gender and sexuality themes in schools; 3) considerations made about the relevance of the school as a powerful space to address and question issues related to body, gender, and sexuality.

Keywords: body; gender; sexualitu; school.

Considerações Iniciais:

Aliado à perspectiva teórica dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais de viés pós-estruturalista, este artigo tem como objetivo central problematizar maneiras possíveis de discutir questões que articulam corpo, gênero e sexualidade em ambientes

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

escolares, tomando como referência três pesquisas de mestrado desenvolvidas recentemente (BLOEDOW, 2015; PEREIRA, 2016 e BORBA, 2017). Uma das pesquisas analisou um conjunto de materiais elaborados para abordar as questões de corpo, gênero e sexualidade junto a jovens escolares (BORBA, 2017). As outras duas pesquisas propuseram problematizações com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul (RS). Ambas as pesquisas valeram-se de alguns artefatos (vídeos, imagens, músicas, etc.) como deflagradores e propulsores das discussões (BLOEDOW, 2015; PEREIRA, 2016). Antes de trazer as contribuições das referidas pesquisas, é importante discutir o modo como, a partir do campo teórico adotado neste artigo, são compreendidos os conceitos de gênero e de sexualidade.

O conceito de gênero emergiu para contestar o entendimento de que condições, posições e funções subordinadas em que muitas vezes as mulheres eram colocadas explicavam-se a partir de um viés estritamente biológico. Levando em consideração as contribuições de Guacira Louro (2007) o conceito surgiu para desestabilizar e questionar ‘verdades’ de gênero que não são dadas biologicamente, mas inventadas e sustentadas através de discursos e representações colocados em evidência cotidianamente.

Judith Butler (2003) é outra estudiosa que auxilia na compreensão desse conceito. Segundo ela, os sujeitos são ensinados a viver as identidades de gênero e sexuais a partir da ideia de que nascer com uma determinada genitália é determinante para se definir quais modos e comportamentos adotar. Contudo, agir e viver a partir desse marcador é colocar em andamento uma série de verdades que operam como fundamentos advindos exclusivamente da ‘natureza’, da ‘biologia’, de uma ‘essência interna’, de uma ‘identidade inata’ do sujeito. Butler (2005) também argumenta que gênero é uma forma de regulação social. O sujeito generificado só passa a existir na medida em que se sujeita às regulações determinadas e validadas dentro de uma determinada cultura ou sociedade.

Em decorrência, por exemplo, das declarações “é um menino!” ou “é uma menina!” inicia-se todo um processo para que os sujeitos ajam de certo modo ou sigam um determinado rumo pré-estabelecido social e culturalmente para ele/a (LOURO, 2004). Nesta direção, Jane Felipe (2007, p.84) argumenta que:

[...] é interessante observar o quanto concepções pautadas na ideia de “essência” ou “natureza” são ainda hoje muito veiculadas, na tentativa de justificar todo e qualquer comportamento relacionado às masculinidades e às feminilidades. Dificilmente as pessoas se dão conta dos inúmeros e minuciosos investimentos feitos para que os sujeitos sejam produzidos e subjetivados desta ou daquela forma, de acordo com as expectativas sociais do grupo ao qual pertencem.

Na atualidade, em que tecnologias diversas avançam velozmente e que é possível saber, a partir de alguns procedimentos qual é o ‘sexo’ do bebê mesmo antes do seu nascimento, a sujeição às regulações já começa a ser posta em prática nos âmbitos sociais e familiares (GUIZZO, 2011). Caso um sujeito não atenda a essas regulações no decorrer de sua vida, haverá grande probabilidade de ele/a ser marginalizado/a, ignorado/a ou perseguido/a por práticas sociais, crenças ou políticas.

O conceito de sexualidade, desde a perspectiva teórica neste artigo adotada, também deve ser pensado como algo que vai além do biológico. De acordo com Louro (2000, p.62):

A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, processos profundamente culturais e plurais. Nesta perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou de natureza, pois, através de processos culturais, definimos o que é – ou não- natural; produzimos e transformamos a Natureza e a biologia e, conseqüentemente, tornamo-las históricas.

Tais entendimentos não são tranquilos para muitos sujeitos uma vez que somos ensinados/as que o fator biológico determina quase tudo, que o sexo determina o gênero e, conseqüentemente, a sexualidade (Louro, 1996; 2004).

Enfim, é importante esclarecer que o conceito de gênero não se resume à diferenciação de “papéis” e “funções” femininas e masculinas, assim como o conceito de sexualidade não se resume ao sexo biológico do qual os sujeitos são dotados. Quando tais conceitos são pensados simplesmente como sinônimos de papéis ou de sexo/genitália, damos margem a se pensar em regras arbitrárias que determinadas culturas e/ou sociedades impõem aos seus membros, definindo comportamentos, modos de ser, modos de se vestir, atitudes, vivência da sexualidade, etc. e deixamos de problematizar as

relações de poder existentes entre homens e mulheres e a própria construção da sexualidade enquanto algo da ordem do desejo e dos prazeres dos sujeitos (LOURO, 2007).

Possibilidades para se discutir gênero e sexualidade em escolas

Embora em especial nos últimos anos tenha havido uma série de tensões no que diz respeito às discussões sobre corpo, gênero e sexualidade nos espaços escolares, tem sido possível acompanhar a crescente visibilidade que determinadas temáticas têm ganhado em diferentes espaços: midiáticos, educacionais, jurídicos, dentre outros.

As pesquisas que neste artigo serão apresentadas, tal como já foi mencionado, analisaram materiais produzidos para trabalhar as temáticas de gênero e de sexualidade com jovens escolares, como ainda propuseram discussões a partir da apresentação de alguns artefatos culturais aos quais estudantes têm acesso fora da escola. Na perspectiva dos Estudos Culturais pós-estruturalistas, entende-se que estamos expostos/as a múltiplas Pedagogias Culturais através das quais somos ensinados/as, educados/as e interpelados/as. Henry Giroux e Peter McLaren (1995, p. 144) argumentam que “existe Pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir experiências”. Atualmente, diferentes mídias (televisão, redes sociais, jornais, revistas, etc.) podem ser consideradas pedagógicas, uma vez que nos capturam, produzem nossos entendimentos e ampliam nossas imaginações, bem como interferem em nossas maneiras de se comportar e de agir. Por isso a relevância de se propor discussões a partir do que acionam certos artefatos culturais, inclusive em ambientes educacionais.

Tem defendido-se que as escolas, ao invés de reiterar posições que mulheres e homens devem assumir, devem promover discussões cujo propósito vincular-se-ia ao questionamento a respeito de lugares que os sujeitos, dependendo do gênero, tradicionalmente ocupam. Há a necessidade de desmanchar o que está cristalizado como sendo “verdadeiro” ou “adequado” e mostrar que características e funções tomadas como “naturais” a mulheres e homens não são pautadas única e exclusivamente por aspectos

biológicos, mas são – também – pautadas por aspectos sociais e culturais. As pesquisas que a seguir são apresentadas, de certo modo, proporcionaram a discussão de questões relacionadas a corpo, gênero e sexualidade ao mesmo tempo que produziram seus dados empíricos.

A primeira pesquisa intitulou-se '*É Friboi!*': *discutindo gênero e sexualidade no Ensino Médio a partir do Pânico na Band* de autoria de Aline Maria Ülrich Bloedow (2015). Ela procurou discutir e problematizar as falas de alunos e alunas pertencentes ao Ensino Médio sobre as representações de feminino exibidas no programa televisivo *Pânico na Band*¹. Para isso ela selecionou trechos do programa em que, de certo modo, as mulheres eram posicionadas como objetos a serem desejados e consumidos. Ou seja, o enquadramento das imagens recaía sobre determinadas partes de seus corpos, especialmente peitos e bunda.

Um dos quadros exibido e discutido com o grupo de jovens intitulava-se “Mulheres Papáveis”. O quadro foi gravado ao ar livre, em uma praia na qual algumas mulheres eram abordadas. Essas mulheres eram entrevistadas e, em seguida, questionadas se queriam concorrer ao título de “Mulher Papável”. O quadro foi pensado na mesma época em que estava para sair o resultado do “Conclave” da Igreja Católica que elegeria o novo Papa, daí o título do quadro (BLOEDOW, 2015).

Se a resposta fosse positiva, era feito um “Conclave” através da votação de homens que estavam nas proximidades. As candidatas eram convidadas a darem “voltinhas”; além disso, medidas dos quadris e dos bustos eram tiradas. Se a mulher fosse eleita papável (ou seja, se ela fosse sarada e dotada de bunda e peitos grandes) uma fumaça branca era solta, se eleita não-papável, a fumaça era preta.

As discussões em torno do quadro foram em distintas direções: alguns alunos e algumas alunas apontaram a representação de mulher-mercadoria (alvo de olhar e desejo masculinos) salientada pelo programa; outros/as culpabilizaram as mulheres que

¹ O *Pânico na Band* é veiculado semanalmente aos domingos à noite pela emissora *Band*. Tem como apresentador principal Emílio Surita. De acordo com a campanha “Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania”, da Comissão de Direitos Humanos, o programa incita o machismo e desvaloriza a imagem da mulher na medida em que a expõe quase que exclusivamente como objeto de desejo sexual (BLOEDOW, 2015).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

aceitaram participar do quadro, argumentando que elas estavam aproveitando-se da situação para conquistarem fama e para se sentirem desejadas. A outra direção vinculou-se ao entendimento de que as mulheres participantes eram despudoradas, desavergonhadas e desvalorizantes.

A partir das discussões desenroladas pelos sujeitos da referida pesquisa, é possível afirmar que as temáticas de gênero e de sexualidade precisam estar presente no cotidiano das escolas com o intuito de desmistificar estereótipos que reiteram determinadas posições como sendo “naturalmente” femininas ou masculinas. Outro aspecto que choca atrela-se ao julgamento moral que meninos e meninas fizeram das mulheres participantes do quadro. Segundo Louro (2007), tal julgamento pode ser entendido como uma herança sexista que é realimentada pelas escolas, pelas famílias e também pela mídia. Bloedow (2015, p. 96), sobre isso, salienta que “[...] numa sociedade brasileira sexista em que o homem é o polo dominante e que ‘tem direitos de posse’ sobre a mulher, o título ‘Mulheres Papáveis’ encontra terreno fértil para reproduzir tal significado”.

A outra pesquisa intitulada *Pedagoselfies: meninas aprendendo a fazer do corpo uma imagem* foi desenvolvida por Evelyn dos Santos Pereira (2016). Ela propôs – no âmbito escolar – discussões a um grupo de jovens meninas vinculadas aos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma instituição de ensino pública do litoral norte do Rio Grande do Sul. Para deflagrar as discussões, ela utilizou *selfie* em que jovens mulheres estavam em poses sensualizadas. Importante referir que *selfies* são fotografias tiradas pelos próprios sujeitos fotografados. Conforme Pereira (2016), a palavra *selfie* ganhou popularidade em diversos países para designar a prática de fazer fotos de si mesmo(s)/mesma(s) utilizando a câmera do celular, a *webcam* ou uma câmera fotográfica.

Uma das discussões desencadeadas vinculou-se ao vazamento não autorizado de *selfies* em que meninas aparecem nuas ou seminuas. Muitas meninas argumentaram que, ao enviar uma *selfie* (seja para um namorado/a ou para um grupo de amigos/as), as meninas devem saber que sofrerão consequências, caso a foto se espalhe na rede.

Nesse encontro elas mencionaram o caso de uma colega que enviou uma *selfie* seminua ao namorado e, ao término do namoro, ele tratou de enviá-la a um número

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

significativo de colegas da escola em que estudavam. O pai da menina também teve acesso à foto, o que o levou a, ao final de um dia de aula, ir até a escola e dar, publicamente, uma surra em sua filha. Tal fato repercutiu entre os diferentes membros dessa comunidade escolar, gerando discussões e embates que diziam respeito às relações de gênero estabelecidas na contemporaneidade.

Louro (2000) salienta que sobre os comportamentos femininos redobra-se a vigilância, porém tal vigilância algumas vezes acaba não sufocando a curiosidade, o interesse, a experimentação. Entretanto, como no caso da menina supracitada, seu ato acarretou a censura e o controle por parte de seu pai, além de ter sido submetida a sentimentos como culpa e vergonha, por ter – de certo modo – infringido normas que ainda vigoram para ela enquanto sujeito do gênero feminino.

Além disso, tal episódio, nos faz pensar sobre as opiniões das próprias meninas sobre a colega cuja foto em que aparecia seminua tinha vazado. Muitas delas, afirmaram que ela era “sem-vergonha”, que merecia a surra dada pelo pai, já que ele precisava “mostrar publicamente que não concordava com o que sua filha havia feito”.

Nas falas das meninas fica evidente a predominância de representações femininas forjadas por discursos masculinos de poder. Discursos esses (re)criados e postos em circulação desde há séculos e que ainda hoje ganham status de verdade: meninas/mulheres, por exemplo, devem ser recatadas e comportadas, caso contrário, merecem ser penalizadas e submetidas a situações de constrangimento.

Pereira (2016) salienta que tem se tornado frequente o vazamento de fotos íntimas publicadas e compartilhadas sem que haja o consentimento das protagonistas, o que as leva a viverem sentimentos de culpa e vergonha. Em alguns casos, como no de uma menina de 16 anos da cidade de Veranópolis/RS, o desfecho foi fatal, já que a situação levou a menina envolvida ao suicídio. Segundo Pereira (2016), o namorado dessa menina fez um *printscreen*² da tela do computador em uma conversa através da *webcam* em que ela aparecia mostrando os seios. Ao término do namoro, o garoto enviou a imagem para

² Comando que permite transformar em imagem o conteúdo da tela.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

alguns amigos e a foto se espalhou na rede. Em função da pressão sofrida, a menina enforcou-se com um fio de seda.

Esses exemplos mostram o quão fortes ainda são as normas estabelecidas no que diz respeito às possibilidades e às proibições com relação ao feminino. Como argumentou Haraway (2004), o conceito de gênero foi pensado com o intuito de contestar a naturalização da diferença sexual que acaba por posicionar homens e mulheres de maneira diferenciada e, até, hierarquizada.

A última pesquisa desenvolvida intitulou-se *Educação para a sexualidade: um estudo a partir das Histórias em Quadrinhos do 'Projeto Galera Curtição'*, de autoria de Tatiane Nascimento de Borba (2017). O presente estudo resultou da análise acerca do modo como a Educação para a Sexualidade estava sendo proposta nas Histórias em Quadrinhos que fazem parte do material do Projeto Galera Curtição³ que tem como objetivo discutir as questões de gênero e sexualidade com jovens escolares e o qual foi utilizado na rede municipal de educação de Porto Alegre/RS. De acordo com Borba (2017), as Histórias em Quadrinhos são artefatos culturais e pedagógicos potentes para interpelar e constituir identidades jovens em função das linguagens (visuais e verbais) de que se valem, ensinando aos sujeitos uma série de lições sobre como ser e como agir na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito a gênero e sexualidade.

Um dos eixos analíticos desenvolvidos por Borba (2017) refere-se à visibilidade, dada no material analisado, aos sujeitos que fogem dos padrões heteronormativos⁴. As Histórias em Quadrinhos, segundo a autora, apresentam recorrências de representações de homossexualidade sob a perspectiva de um discurso plural o qual promove a visibilidade de sujeitos que não são heterossexuais. Além disso, procuram promover o respeito à diversidade, apontando estratégias pedagógicas de superação do preconceito, principalmente no ambiente escolar, mas também em diferentes instâncias da sociedade,

³ O Projeto “Galera Curtição” foi criado a partir das Diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE), em parceria entre as Secretarias de Saúde e Educação, a fim de proporcionar aos/às estudantes da rede pública estratégias e ações de atenção, promoção a saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gênero e sexualidade, identidade de gênero, *bullying* e diversidade sexual (BORBA, 2017, p. 34)

⁴ Heteronormatividade pode ser entendida como a obsessão pela sexualidade normatizante heterossexual, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante e imoral (BRITZMAN, 1996).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

inclusive na família. O enredo da História em Quadrinho intitulada “Perguntas e Respostas” mostra o modo como um dos personagens, chamado Fábio, sofre com o preconceito e as piadas que ocorrem na escola. Sofre também com o silenciamento e com a indiferença de sua família que faz de conta que não sabe de sua identidade sexual. O modo como o personagem em questão é tratado pelos demais estudantes em razão de sua sexualidade se constitui uma prática de homofobia, pois muitas vezes ele é xingado, alvo de deboches e de exclusões.

As piadas, o isolamento, a violência verbal, a rejeição da família são elementos encontrados nas Histórias em Quadrinhos, os quais são propositalmente apresentados a fim de problematizar o modo hostil que alguns sujeitos não heterossexuais são tratados em diferentes instâncias da sociedade. Borba (2017) considerou que as Histórias em Quadrinhos analisadas e utilizadas junto a jovens escolares podem promover importantes reflexões acerca do modo como a heteronorma opera dentro das instituições escolares. Além disso, considerou que as Histórias possibilitam problematizações que colaboram para a constituição de um espaço escolar menos sexista, menos machista e menos homofóbico.

Considerações finais

Apesar da intensificação das discussões em torno das identidades de gênero e sexuais nas últimas décadas, a produção de normas, culturalmente aceitas no que diz respeito aos comportamentos de homens e mulheres, é uma função central da autoridade social e cultural e está mediada pela complexa interação de um amplo espectro de instituições educacionais, midiáticas, sociais, políticas e religiosas (CONWAY, BOURQUE e SCOTT, 2003). Por séculos, em especial a partir da Modernidade, com o fortalecimento do discurso científico, em nossa cultura ocidental, homens e mulheres foram sendo posicionados de modo diferenciado, por disputas de poder e por argumentos pautados numa ideia de essência, levando em conta apenas aspectos biológicos.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

É fato que nas últimas décadas muitos trabalhos acadêmicos (ou não) e pesquisas foram produzidos com o objetivo de discutir e problematizar as temáticas de gênero e de sexualidade. Entretanto, tal como fizeram as pesquisas neste artigo acionadas, é importante continuar pesquisando, pensando e refletindo acerca destas temáticas com a intenção de levar para o âmbito educacional aspectos que fujam de uma perspectiva heteronormativa.

Mesmo que a chamada “política de identidades” (relacionada aos movimentos políticos e culturais por meio dos quais grupos historicamente subordinados vêm lutando por reconhecimento e respeito às suas experiências e à sua história) venha se expressando desde o final da década de 1960 de forma crescente, ainda há um longo percurso a seguir no sentido de minimizar privilégios que são atribuídos a uns em função de marcadores de gênero e de sexualidade.

Nesse percurso, a escola apresenta-se como um espaço que reforça e aprofunda determinados discursos e representações que circulam em uma sociedade, mas pode – como foi mostrado com os exemplos trazidos – tornar-se um espaço para a problematização e para a discussão de questões relacionadas a gênero e a sexualidade que tenham como objetivo mostrar o caráter histórico, social e cultural da construção das nossas identidades.

Por fim, convém reiterar que as instituições escolares, ao invés de mostrarem-se como espaços que reforcem determinadas posições em relação aos gêneros e às sexualidades, poderiam por em andamento discussões que tenham como propósito analisar como e por que surgem preconceitos e discriminações, como e por que há a falta de oportunidades para uns/umas e privilégios para outros/as, em função de suas identidades de gênero e sexuais.

Referências:

BLOEDOW, Aline Maria Ülich. "É Friboi!": Discutindo gênero e sexualidade no Ensino Médio a partir do Pânico na Band". Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2015.

BORBA, Tatiane Nascimento de. *Educação para a sexualidade: um estudo a partir das Histórias em Quadrinhos do 'Projeto Galera Curtição'*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2017.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importán: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONWAY, Jill; BOURQUE, Susan; SCOTT, Joan. *El concepto de género*. México: UNAM/PUEG, 2003.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Pro-Posições*, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007.

GIROUX, Henry. McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz. T.; MOREIRA, Antonio F. (org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

GUIZZO, Bianca Salazar. "Aquele negrão me chamou de leitão": representações e práticas de embelezamento na educação infantil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, 2004, p. 201-246.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. n. 46, dez./2007, p. 201-218.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faced/UFRGS, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000, p. 59-76.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Julia; MEYER, Dagmar e WALDOW, Vera (Orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

PEREIRA, Evelyn Santos. *Pedagoselfie: meninas aprendendo a fazer do corpo uma imagem*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2016.

Recebido em 20/11/2018.

Aceito: 5/12/2018.

Sobre autora e contato:

Bianca Salazar Guizzo - Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Bolonha (Itália). Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

E-mail: bguizzo_1@hotmail.com